



Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

OS PALHAÇOS

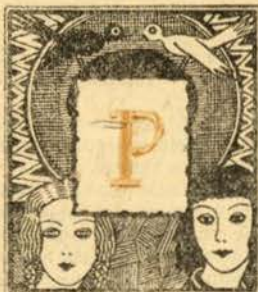
NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

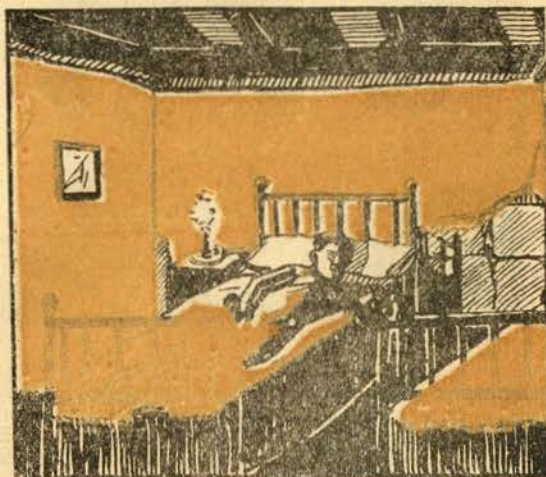


EDRITO, no seu quarto pegado ao quarto do Tio Anastácio, escutando o praguejar da Ti' Ana e as ameaças do Tio, olhava, entre os lençóis, com a pontinha do nariz fóra da roupa, cheio de tristeza e saudade, a caminha vazia, ao lado da sua, onde Paulito costumava dormir.

— «E se ele nunca mais tornasse?!...» dizia consigo próprio, scismando no rumo que levaria o seu querido irmãozinho, talvez já bem arrependido do que fizera, lá fóra, ao frio, sem cama para dormir nem teto a que se abrigar! E pôs-se a chorar, sòzinho, a abaçar os soluços para que os tios o não pudessem ouvir. Por fim, adormeceu. Adormeceu e sonhou que Paulito se havia atirado ao rio e que êle se atirara também para o salvar e o trouxera para casa, sem sentidos. Que o deitara na caminha ao lado da sua mas que, mal êle viera a si, o Tio Anastácio o desancara com as correias da cilha da Russa Molenga.

Nisto, esfregando os olhos, estremunhado, acordou. Tornou a olhar a caminha de Paulo e, vendo-a vazia, teve então a consciência de que estivera a sonhar. Já o sol entrava

pelas frestas do pequenino postigo quando, de súbito, ouviu três fortes pancadas na parede do quarto ao lado. Pensou que houvesse sido Paulito que, finalmente, tivesse vindo e



estivesse a apanhar uma grande sova do Tio Anastácio. Mas logo percebeu que se enganara pois a voz da Ti'Ana resmungou de seguida:

— «Levanta-te lêsma, sorna de uma figa, anda madraço, vai amassar as sêmeas!»

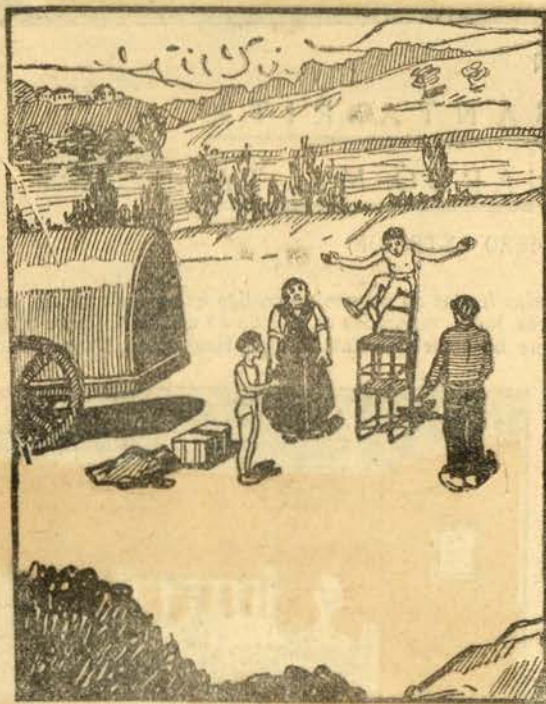
Emquanto Pedrito à pressa se vestia para dar cumprimento à ordem da Ti'Ana, a meia légua da casa onde eles moravam num pequeno areal na margem do rio Coína que banha a aldeia de Paio Pires e seus arredores, a poucos passos da vila do Seixal, Paulito, no meio dos saltimbancos ensaiava o seu primeiro espectáculo, trajando o fato de malha cõr de rosa do pai Rambóia que a mãe Lêsma cortara, talhara e lhe puzera ao corpo, em duas horas de costura aturada, pois pai Rambóia possuía outro de mais luxo que só vestia aos domingos e passaria, de futuro, a pôr sempre que trabalhasse.

Paulito ensaiava agora o difícil equilíbrio das cadeirinhas sobrepostas. Com tanta agilidade e perícia galgou para cima delas que Nucha não pôde conter-se que não soltasse um bravo: — bravo, Lito! — aplaudindo-o com palmas, num espontâneo entusiasmo infantil que lhe valeu uma tremenda bofetada da mãe Lêsma, castigando-a: — «Bem sabes que enquanto se ensaia se não fala. Torna e verás!...»

Numa súbita indignação, do alto poleiro em que se encontrava, Lito sentiu tentações de atirar à cabeça de Lêsma uma das cadeirinhas. Todavia conteve-se. Pai Rambóia subia agora, como um macaco, pelas cadeiras, disposto a equilibrar-se sobre ele. Mas Lito, ainda inexperiente, ao sentir sobre os pequenos ombros as mãos sapudas do pai Rambóia, que tanto pesava, desequilibrou-se e estatelou-o na areia, vindo cair, também, de bruços, no lado oposto.

Uma saravada de pontapés bárbaramente açoitou o saltimbanco estreante, que, puxado pelas orelhas, foi obrigado a repetir a peripécia, finalmente realísada com êxito. Terminado o ensaio, puzeram-se, de novo, a caminho.

A meio dum atalho, que ia desembocar numa ampla es-



trada ladeada por altos eucaliptos, depararam um rancho de ciganos: — três mulheres bastante morenas, de escorreltos cabelos, cõr das ázias dos cervos, brilhantes, luzídios, com trajos de vivíssimas côres — (amarelo, vermelho e azul)

— e um homem alto, também de pele trigueira, esgrouvinhado, sêco, mas de porte airoso, trajando jaleca de alamares, facha vermelha e chapéu *mazantine*.

No meio dêles, via-se um tacho de ferro, sustentado por



três pedregulhos, ao lume crepitante e rubro duma pequena fogueira que uma das ciganas com um abano já muito esfiampado, ateava de quando em quando. Uma outra, ao lado, descascava batatas enquanto a terceira partia pequenas achas de lenha, folhas e troncos sêcos de pinheiro, ao mesmo tempo que o cigano esgrouvinhado, sentado sobre um mórro, enrolava entre os escuros dedos uma nívea mortalha com tabaco, na maquinaal tarefa de fazer um cigarro.

Então, uma parte dos grupos, num distraído entrecruzar da vista, reconhecendo-se, expansivamente saudaram-se:

— «Pai Rambóia, mãe Lêsma, a Nucha... esta é a Nucha?!... como está crescida!»

— «Viva lá, só Zagalote! então por aqui?!...» berrou, rouquenho, o saltimbanco idoso, estendendo para o cigano, já de pé e de braços abertos, a mão sapuda, toda coberta de pêlos.

— «Então a fedúncia tem-te dado interesse? Boa compra fizeste! Dez mil reis por isto... — (e o cigano erguia nos braços a pequenita Nucha) — uma arrôba de carne naquele tempo, hoje duas ou três! Has-de concordar que foi negócio de trús!... Um ovo por um real!»

— «E o que temos gasto com ela em comida, bebida, calçado, roupa e miminhos, não se conta?» rouquejou a mãe Lêsma com sua voz avinhada,

— «Faço ideia que os mimos hão-de ter sido muitos!» murmurou do seu poiso, em ar de motejo, a segunda cigana, não parando na faina de descascar as batatas.

Paulito, pasmado, ouvia toda aquela conversa, sem claramente a perceber, mas já convicto, certo, de que estava em presença de uns grandes patifórios, olhando, ao mesmo tempo, cheio de simpatia, de pena e compaixão, para a amiguinha Nucha que, de olhos esbugalhados, nada compreendia.

— «E êste fedelho foi também comprado?» bradou o cigano apontando Lito que, quasi a tremer de medo, instintivamente se abraçou à pequenita companheira de quem se sentia cada vez mais amigo.

— «Nada, não!... — (explicou pai Rambóia) — encontrei-o ontem perdido e trouxe-o connosco.

— «Ah! (exclamou o cigano, num ar de malícia e duvida, desviando a conversa). — E dão logo espectáculo à noite?»

— «Além na vila... aparece por lá!»

— «Está combinado!» respondeu o cigano estendendo-lhe a mão e vendo-os partir. Depois, dirigindo-se ao grupo das

ciganas, exclamou em voz baixa: — «Já ganhei o meu dia. Até logo!»

— «Onde ides?!...» perguntou-lhe a cigana que estava abanando o lume.

— «Ao Casal da Saudade, a casa do D. Jorge. Ah, rica mulher, que já ganhei o meu dia!» E com estas palavras misteriosas o cigano abalou a passos de gigante.

A' boquinha da noite dêsse mesmo dia, meia hora depois do sino da ermida haver batido Trindades: — *T...á...o!... T...á...o!... T...á...o!...* em toda a vila do Seixal rufou, novamente, o ruidoso tambor dos saltimbancos: — *Rataplan-plan-plan!... Rataplan-plan-plan!... Rataplan-plan-plan!...*

As portas modestas das casas humildes, as crianças pobres, garotinhos da rua, batiam as palmas, saltavam, pulavam, gritavam, exclamando radiantes: — Palhaços! palhaços!...

Emquanto pai Rambóia armava o trapézio, mãe Lêsma enchia os candieiros de acetilene, Nucha estendia o tapete de sarapilheira, Lito continuava a rufar o tambor: — *Rataplan-plan-plan!... Rataplan-plan-plan!... Rataplan-plan-plan!...* até que, por volta das nove horas, começou o espectáculo.

Em redor dos saltimbancos, já todo o povo da vila, de olhos fitos no alto das três cadeirinhas sobrepostas, admirava, cheio de pasmo, as habilidades de Lito que sustinha, sobre os ombros, pai Rambóia e Nucha, equilibrados, em riscos de um trambolhão. Mas Paulito estava, positivamente, em maré de sorte e tão bem os aguentou que, mal êles desceram, todo o povo irrompeu numa estrondosa salva de palmas.

Emquanto pai Rambóia e Lito agora trabalhavam num trapézio, Nucha, deixando a arena iluminada, o grande círculo de luz que os candieiros de acetilene projectavam sobre o tapete, mergulhou na sombra densa da noite, dirigindo-se para a carrocinha de lona encerada, a pouca distância, a fim de mudar o traço de malha cõr de rosa pelo vestidinho de chita com que era costume cantar ao som do cornetim.

Mas ao sair da barraquinha de lona, atrelada ao burro lazarento que escabeceava, com sono, Nucha sentiu-se, de chõfre, sufocada por uma mão áspera que lhe tapava a bõca e arrebatada por uns braços fortes, ao colo de um homem que abalava a passos de gigante.

Já longe, a meio da estrada ladeada por altos eucaliptos, poude, enfim, embora com expressão de terror, encarar o homem que inda ao colo a levava mas que, finalmente, lhe destapara a bõca e lhe deixara os movimentos mais livres.

Então, fixando-o, horrorizada, reconheceu-o! Era o mes-

mo fazer mal, sossega! Pelo contrário; vais ser tratada que nem uma princesa!» — e continuou a correr sempre com ela ao colo.

Entretanto, quando no meio do povo em magotes, pai Rambóia, já de cornetim na boca, esperava que Nucha sur-



gisse, para a acompanhar na cançoneta, viu aparecer a mãe Lêsma, que, muito comprometida, lhe disse em segredo:

— «A Nucha acaba de fugir!... Procurei-a na barraça e não a encontrei! Que se há de fazer?!...»

Pai Rambóia com medo que o público, ao saber a notícia, se fosse embora sem pagar, respondeu-lhe em voz baixa:

— «Não digas nada a ninguém e vai tu cantar por ela».

Então, numa voz de cana rachada, que fez toda a gente rir, mãe Lêsma, feia como um bode, pôs-se a cantar a cançoneta que Nucha, tão loira e tão linda, dizia com tanta graça:

Sou a Princesa encantada,
Fadada
Por uma fada,
Isolada
Numa torre de marfim;
Mas tenho, em todos os lados,
Princezinhos encantados,
Apaixonados
Por mim!



mo cigano que vira de manhã, e que tanto medo logo lhe causara.

— «Deixe-me, senhor, largue-me! Largue-me; que mal lhe fiz?!...» suplicou, então, a pequenita, entre soluços.

— «Não tenhas medo... (murmurou o cigano) Não te vou

E assim, pouco depois do habitual peditório, recolhida a bandejinha cheia de cédulas, terminou finalmente a divertida função, entre os alegres comentários do povo que, dispersando, fazia lembrar, de novo, o desmanchar de uma feira.

Meia hora passada, no meio de um descampado, entre as sombras oscilantes da noite, como ursos bailando ao som de um grande pandeiro; — a lua (que havia pouco nascera) Pai Rambóia e mãe Lêsma ceavam, comentando o desaparecimento da pequenita Nucha, enquanto Lito, sem vontade alguma de comer, muito triste, scismava: — «que será feito dela?!».

CONTINUA NO
PRÓXIMO
NUMERO

BOAS CONTAS DEITA O PRETO

— DUMA ANEDOTA —



Chichibéu e Magaluna,
Dois pretinhos quasi nus,
Resolvem fazer fortuna
Com um negócio de trús.



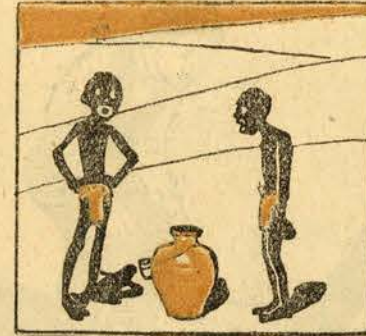
Como tinham dez mil reis,
— (Um capital excelente) —
Foram comprar dezasseis
Litros de bela aguardente.



Já paga a mercadoria,
Magaluna viu, então,
Que do troco, demasia,
Lhe ficara inda um tostão.



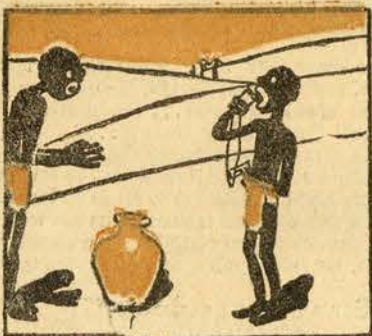
Atravessando o sertão,
Melhem-se os dois ao caminho...
— «Eis aguardente a tostão;
A tostão cada copinho!» —



Mas, cansado do pregão,
Sob o peso da aguardente,
Magaluna diz, então,
Um pouco tímidamente:



— «Olha lá, Chichibéuzinho,
Faz tanta sêde o sertão!
E se eu comprasse um copinho,
Pois tenho aqui um tostão?!»



Chichibéu todo contente,
Logo responde: — pois não!
Toma um corjo de aguardente
E dá-me cá o tostão!



Mas passado um quarto d' hora,
Chichibéu diz, a suar:
— «Vende-me cá tu, agora,
Que eu tenho com que pagar!»



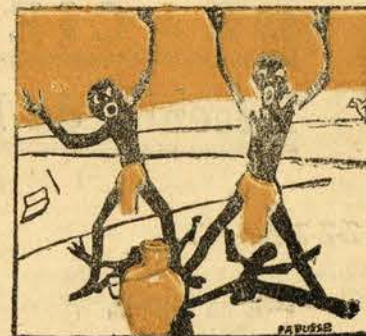
E assim sucessivamente,
De quando em quando bebendo,
Um ao outro vão vendendo
Copinhos com aguardente.



Mas parando, sem demora,
Logo puxam pela agenda:
— «Vamos nós a ver, agora,
Quanto apurámos na venda!» —



— «Já vendemos quinze litros...
O decilitro a tostão,
Vem a ser em decilitros
Quinze mil reis!» — «Onde estão?!»



E não achando em dinheiro
Mais que um tostão, espantados,
Desataram num berreiro:
— «Jesus que estamos roubados!» —

Biblioteca PIMP-PAM-PUM!

I VOLUME

BARRACA
DE
FANTOCHES

— (AVENTURAS) —

II VOLUME

CÓ-CÓ-RÓ-CÓ!

— (CONTOS) —

III VOLUME

PÁ-Á-PÁ

— (POÍAS) —

IV VOLUME

LANTERNA
MÁGICA

— (CONTOS) —

V VOLUME

O PAPAGAIO
AZUL

— (CONTOS) —

O PIÃO



P O R

GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

...Z-Z-Z-Z-Z...

— E na estrada,
empoeirada,
sôbre o chão
gira o pião...

...Z-Z-Z-Z-Z...

Gira, gira
como louco...
— falta pouco
p'ra parar...

...Z-Z-Z-Z-Z...

— Um pouco atrás
o rapaz,
tem néle as duas meninas
dos seus olhos, pequeninas,
que parecem dois piões
a girar...

...Z-Z-Z... Z-Z-Z...

Como um pobre embriagado
o pião vai para o lado...

...Z-z-z...

...e vai... e vai... e parou.

...z!

E o rapaz,
um pouco atrás,
quieto e mudo ficou...
extático a meditar...
— E' que sentira girar
seu coração, sem cansar,
numa roda d'ilusões...

— Nimbados de luz e esp'ranças,
os corações das crianças
voltejam como piões!...

HORA DO RECREIO

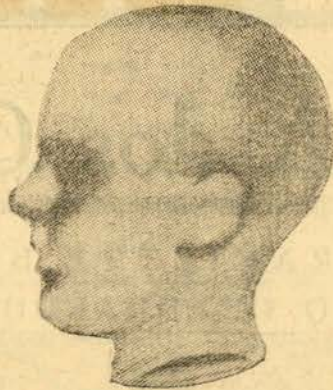
BONECOS DE PASTA

Meus queridos sobrinhos:

Quereis um boneco de pasta ou um lindo fantoche sem gastar cinco réis? Parecer-vos-há impossível; contudo podereis obtê-lo com um pouco de paciência e sobretudo alguma habilidade. Segui à risca as seguintes instruções e ele surgirá, entre as vossas mãos, como um milagre.

porção de farinha de trigo. Em seguida estarelai muito bem com as mãos o papel, amolecido pela água, comprimi-o entre os dedos, juntando-lhe a goma de farinha e amassando tudo convenientemente.

Conseguida a massa, fazei com ela uma bola e dai-lhe depois a forma de uma cabeça, fazendo-lhe um buraco na base do pescoço. Duas dedadas nos pontos onde devem mar-



Deitai numa vasilha ou alguidar com água umas quinze a vinte folhas de papel de jornal — (é preferível sem letras) ou qualquer papel de embrulho que seja pouco espesso e deixai-o de molho durante algumas horas. Feito isto pedi a vossa mãe que vos mande derreter ao lume uma pequena

car-se os olhos, (fig. I) — modelai-lhe as bochechas e o queixo conforme os vossos recursos escultóricos e levai-a depois ao forno ou ponde-a a secar ao sol durante um dia.

Desenhai-lhe os olhos com uma caneta conforme a fig. III indica, pintai-lhe a boca e as bochechas com um pincel molhado em tinta vermelha, de aguarela. Com um pedaço de pele de coelho, colai-lhe a ganforina, e assim ficará concluída a cabeça do boneco ou do fantoche, apta a durar eternidades pela sua consistência. No próximo número vos ensinarei a fazer-lhe o corpo.

Todo vosso = TIO PAULO.

ADIVINHAS

SUBSTITUIR OS PONTOS POR LETRAS E TEREMOS:

dezoito nomes de aves

```

. . . V .
. . . I .
. . . V .
. . . A .

. . . O

. . . P .
. . . I .
. . . M .

. . . P .
. . . A .
. . . M .

. . . P .
. . . U .
. . . M .

. . . V .
. . . I .
. . . V .
. . . A .
    
```

Romeu Mendes Ferrão

oito nomes próprios (masculinos)

```

. . . T .
. . . I .
. . . O .

. . . P .
. . . A .
. . . U .
. . . L .
. . . O .
    
```

F. Marques da Silva

DECIFRAÇÕES

das adivinhas do número anterior;

- 1 — AR.
- 2 — FOLHA.

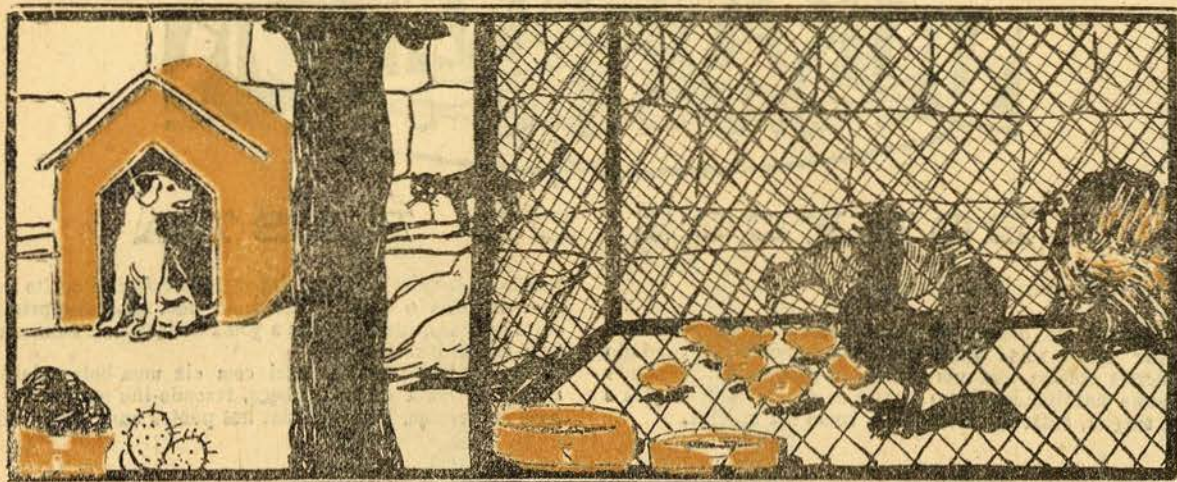
ENIGMAS PITORESCOS

POR

FERNANDO MARQUES DA SILVA



Fernando Marques da Silva 2031-1851



A ELEGIA dos QUINTAIS

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE EDUARDO MALTA



— Em seu poleiro
grosseiro,
diz o galo
com regalo
firme e só:
— Có-có-ró-có!

— Depenicando
em palhinhas,
diz um bando
de galinhas:
— Có-có-có!

— Novelinhos
d'algodão,
em seus ranchinhos
no chão,
respondem os pintainhos,
num cicío:
— Pi-pi-piu!

— Em seu "chalet" de madeira
diz o cão,
com voz grosseira:
— Ao-ão-ão!

— Em fugidas
em corridas,
em subidas
e descidas,
dizem os gatos

gaiatos:
— Rinhánháu!

— Nos lagos frescos e mansos,
dizem os patos e os gansos,
nadando,
num lindo bando,
para cá
e para lá:
— Cuá-cuá-cuá!

— E num grito
exquisito,
diz o perú:
— Glú-glú-glú!

— ¡ Có-có-ró-có!
— Có-có-có!
— Pi-pi-piu!
— Glú-glú-glú!
— Rinhánháu!
— Cuá-cuá-cuá!
— Ao-ão-ão!...

¡ Mas que será? Que será?!
¡ O que dirão? Que dirão,
naquela perpétua reza?!

¡... E eu a scismar,
aqui presa!...
... Eu a querer decifrar
as vozes da Natureza!!